

AFIF JORGE SIMÕES FILHO: ASPECTOS DA VIDA E OBRA

Cesar Pires Machado

***(Decodificação de discurso de posse
no Instituto Histórico e Geográfico do
Rio Grande do Sul em 25.05.2012)***

Saudações.

A ocasião lembra uma relação de muitos anos entre nosso município de origem e este instituto. Antigos conterrâneos aqui nos precederam. Antão de Farias estava entre os fundadores. Clemenciano Barnasque chegou depois. Paulo Xavier aqui esteve até tempos mais recentes. Com o falecimento de Paulo Xavier, ocorrido há aproximadamente cinco anos, nossa terra ficou sem representante nesta casa.

É, pois, com muita honra que agora procuraremos dar continuidade àquela antiga presença. Isso será feito com a responsabilidade que a grandeza da história desta instituição inspira.

A história desta entidade mostra a importante contribuição deste instituto na construção do arcabouço cultural deste Estado. Aqui, a preservação de fontes e a publicação de trabalhos basilares eram feitos em tempos em que o poder público não cuidava do ensino de história e geografia em nível superior. Diversas pessoas que integraram este instituto consumiram partes de suas vidas em descrições pioneiras das feições de nossa terra e de nossa gente. Independente de governo ou de poder político à época, o nascimento desta instituição atendeu anseios de uma gente que queria melhor conhecer seus domínios e que não desejava ter seus feitos esquecidos por seus netos.

Já produzimos alguns textos acerca de conflitos, referindo batalhas e mortes. Já visitamos outros tempos e lugares, viajando pela

leitura de antigos documentos. Hoje, em momento que também é de confraternização, preferimos vaguear por caminhos mais amenos, inda que menos conhecidos.

Conforme anunciado, queremos atender ao costume, prestando singela homenagem ao patrono de uma entidade cultural de nossa terra.

Sérgio da Costa Franco, importante referência na vida desta casa, produziu uma matéria há trinta anos ou mais da qual interessa destacar pequeno trecho:

“O mundo cultural da capital cria um certo bloqueio em relação aos intelectuais do interior do Estado. Menos por subestima ou preconceito. Muito mais porque os intelectuais da Capital enchem todos os espaços, trombeteiam nos veículos de comunicação, nas universidades, cultivam um troca-troca de gentilezas, que termina obscurecendo os que estão distantes ou que se encaramujam na modéstia.”

O ensinamento faz entender a importância da oportunidade, em ambiente de ressonância, para auxiliar, mesmo que modestamente, na divulgação da vida e obra de um singular talento interiorano. Acresça-se que a mencionada matéria referia-se exatamente a Afif Filho, quem pouco tempo depois daria nome a uma entidade cultural de São Sepé, a Fundação Cultural Afif Jorge Simões Filho.

Essa fundação não é presença discreta, pouco perceptível na vida daquela comunidade. Funciona em prédio com aparência arquitetônica agradável, localizado na parte mais central e nobre daquela pequena cidade. Ali podemos encontrar biblioteca pública, salão de exposições, espaçoso e confortável auditório adequado a todos os tipos de apresentações audiovisuais. Esse auditório leva o nome de Ulisses Guimarães. Na sua fachada, há um espaço ligado à via pública que abriga autoridades e manifestantes em solenidades. Sua administração tem nível de secretaria municipal. Desenvolvem-se ali perma-

nentes atividades sócio-culturais e educativas. Como referência constante e pelas razões que o levaram a ser patrono dessa entidade, Afif Filho é capítulo inarredável da história daquele município, com o que pensamos colaborar.

Ao ingressar no tema propriamente dito, interessa fazer dois destaques:

1º - esta manifestação não constitui crítica literária especializada, sequer expressão de caráter técnico nessa área do conhecimento. São reflexões e depoimento de alguém que conviveu com Afif Filho e que tem por sua história e por sua obra grande admiração;

2º - há um livro publicado em 2004 com o título “Em nome do pai” que apresenta maior abrangência e profundidade do que a explanação que aqui possamos realizar. O autor é o advogado e Juiz de Direito Afif Jorge Simões Neto, filho de quem queremos homenagear, e que, para nossa grande satisfação, aqui se encontra presente.

Dito isto, lembramos que Afif Filho nasceu em São Sepé, em 1927, onde viveu maior parte de sua vida e onde faleceu em junho de 1986, poucos meses antes de completar 59 anos de idade.

Exerceu jornalismo, de modo mais intenso quando bastante jovem, talvez mesmo desde quase menino.

Há duas décadas, examinando antiga coleção de jornal, encontramos uma matéria de Afif Filho acerca de dois autores que se insinuavam como romancistas ante a crítica rio-grandense. Esboçou perfis psicológicos de político e de ficcionista, no que embasava sua opinião. O primeiro dos autores considerados era Fernando Ferrari. Concluía que, como romancista, Ferrari não atingiria o mesmo destaque que já havia atingido como político. Sabemos que o romance inicial desse autor foi também o seu último. Quanto ao outro, um baiano, chamado Jorge Amado, que passava a ser mais conhecido, elogiava sua capacidade de comunicação com o povo, expressivo mercado potencial que

lhe daria a chancela de grande romancista.

Afif Filho teria na época, se tanto, 17 ou 18 anos, o que indica sua precocidade e genialidade. Outras matérias que então produziu reforçam essa convicção.

Após essa fase jovial de seu jornalismo, o que coincide com seu curso secundarista, tornou-se escrivão de coletoria, através de concurso público. A partir de então, passou a cursar a Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

Como advogado, foi dos mais éticos que conhecemos.

Chefe de família, era e é idolatrado pela mulher e os filhos, apesar de, ou talvez também por isso, uma suave e contida inclinação à boemia que até o levou a ser um apreciado instrumentista ao bandedeon.

Foi extraordinário orador, a quem Ulisses Guimarães se referiu como o melhor que ele havia conhecido. Não era orador tonitruante e dado a excessos gestuais. Era especialmente atraente pela originalidade de suas abordagens.

Foi militante político por dever cívico, sem ambicionar posições de mando. Nessa atividade recebeu sempre o reconhecimento de seus conterrâneos, mas foi também em decorrência dela que sofreu injustamente graves dissabores.

Foi professor de línguas de notório saber. Mas, em nossa terra, é especialmente lembrado como o singular poeta, cujas dimensões excedem em muito os limites dos horizontes lá comumente vislumbráveis.

Não hesitamos em apontar Afif Filho como um dos maiores sonetistas da língua portuguesa. Um dos maiores entre muito poucos. Raríssimos conseguiram o que Afif conseguiu em sua poesia: a coexistência da forma esmerada com o conteúdo claro e a linguagem sim-

ples.

Uma pessoa pouco afeita às complexas exigências das construções parnasianas ou simbolistas pode não detectar a complexidade subjacente ao ouvir um soneto dele. Talvez nem note que se trate de quatorze versos com doze sílabas poéticas cada um. É possível não observar que as rimas não se limitam aos versos de uma só estrofe, mas que, com alternância de ordem, se estendem entre estrofes. Poderá não ver de imediato a preferência por rimas entre classes gramaticais diferentes. Mas, mesmo alheia a tudo isso, sentirá a sonoridade de seus versos, entenderá com clareza a mensagem expressa em palavras muito simples. Tal apuro formal vestido de maneira tão simples parece algo sobrenatural.

Além do soneto, ele construiu poesias com outras estruturas e com semelhante competência.

Destacadas personalidades culturais do Estado manifestaram-se, reconhecendo o extraordinário talento de Afif Filho.

Guilhermino Cesar, em determinada época, entendia que a língua portuguesa contava com dois grandes sonetistas: Quintana e Afif.

Em uma carta enviada pelo jornalista Copstein a Afif Filho, lê-se um trecho onde consta: ***“A opinião minha (desvalorizada), do Quintana (muito valiosa), do Guilhermino Cesar (idem) é a de que tens a altura do Bilac.”***

Carlos Reverbel, reiteradas vezes, também se manifestou de forma semelhante. Entendia que o destino literário de Afif seria ao lado de alguns poucos grandes poetas cujos nomes ele citava.

A expressão, destino literário, usada por Reverbel, chama-nos a atenção para a importância da divulgação da obra de Afif Filho. O reconhecimento de um singular talento literário, especialmente sendo interiorano, não é objetivo atingível sem algum esforço e em curto espaço de tempo. Simões Lopes Neto, por exemplo, começou a ter o

merecido reconhecimento de sua produção depois de décadas de sua publicação inicial.

Celso Pedro Luft, do alto de sua envergadura técnica, também atestou a excelência do poeta, de quem destacou a rara sensibilidade às coisas da vida aparentemente pequenas.

Costa Franco, na matéria já citada, e pelo menos em outra, reconheceu o singular talento de Afif Filho, de quem se tornou particular amigo.

Diversos intelectuais do interior do Estado aplaudiram-no de modo semelhante.

Na obra de Afif Filho, ocupam uma posição muito saliente as referências a sua infância.

É especialmente com relação a esse aspecto da obra de Afif e sobre as origens de sua inspiração poética que queremos limitar nossas reflexões.

Como sabemos, referências à infância, como a quadra mais feliz da existência, não constituem singularidades, especialmente entre poetas.

Na obra de Afif Filho, porém, tais referências parecem mais surpreendentes e ligadas a uma maior diversidade de perspectivas. Parece ter preservado os olhos de menino para continuar vendo beleza na simplicidade.

Em **Auto-retrato**, ele se refere à infância como modeladora de sua própria aparência:

“Fiquei para sempre com este ar de guri desconsolado a olhar, a olhar o terreno baldio donde o circo partiu um dia antes...”

Em **Natal**, ele se refere à felicidade como um apanágio da in-

fância, dizendo:

***“Satisfez, afinal, seu grande anseio.
Mesmo tão pobre está feliz, porque
Papai Noel de madrugada veio
E lhe trouxe uma flauta e um bilboquê.***

***Daqui de casa a gente escuta e vê
O pirralho engasgado em um floreio.
(Ah! Meus tempos saudosos do abecê
Quando eu tocava flauta no recreio!)***

***Felicidade eu sei que te perdi,
Carrego um sofrimento nunca visto,
De tanto caminhar atrás de ti.***

***E nunca mais te encontrarei, porque
Toda a felicidade é apenas isto:
Sete anos... uma flauta... e um bilboquê.”***

A diferença de idade entre Afif Filho e seus irmãos chama a atenção para um aspecto. Ele era o mais moço e nasceu doze anos depois de seu irmão imediatamente anterior. Seus irmãos já não residiam efetivamente na casa paterna e ele desfrutava com exclusividade do convívio com os pais. Mas quando tinha seis anos de idade, seu pai já chegara aos cinquenta, isto é, já ultrapassara a expectativa média de vida na época. Isso faz crer que entre pai e filho havia um convívio semelhante ao de um neto com o avô, o que, como sabemos, sugere uma relação enriquecida com uma emotividade especial.

Em uma poesia intitulada ***A meu pai***, ele inicia lembrando isso:

***“Meu velho pai, com que desvelo outrora,
Me acalentaste o sono de criança!
Eras a noite acalentando a aurora,
A saudade embalando uma esperança.”***

A última estrofe dessa poesia fala por si mesma sobre essa relação:

***“Tu és meu pai! A tua flama acesa
Palpita em mim, um milagroso brilho.
E eu sei que tenho um pouco de pureza,
Pela simples razão de ser teu filho!*”**

Procurando entender as origens da inspiração poética de Afif Filho, em vista da história daquela comunidade, no seio da qual ele nasceu e viveu maior parte de sua vida, encontramos no seu núcleo familiar original aspectos que merecem especial reflexão.

Seu pai, o velho Afif Jorge, saiu da Síria com dezessete anos de idade. Passou pela França, Itália, Espanha, Rio de Janeiro, Rio Grande, Porto Alegre e, sempre em busca da terra prometida, chegou a São Sepé. Ali desenvolveu atividades de mascate, o que também fez nas zonas interioranas de São Gabriel, Cachoeira do Sul e Caçapava do Sul.

Passado esse período inicial, já ao fim da primeira década do século XX, casou-se com uma menina da localidade, de ascendência exclusivamente luso-brasileira, e se estabeleceu com casa comercial na sede do município.

Naquela então vila e sede de município desde 1876, teria sido o primeiro árabe a constituir estabelecimento comercial.

A partir de então, observam-se algumas circunstâncias na vida do velho Afif que lhe emprestam certa originalidade.

Os comerciantes de origem árabe comumente não se ligavam a correntes político-partidárias especialmente em épocas e locais de grandes rivalidades políticas. Ao fazerem isso perderiam a freguesia da facção adversária. Também não aderiam à atividade econômica predominante, no caso, a agropecuária.

O velho Afif Jorge, que já usava botas, bombachas, lenço ao

pescoço e chapéu, não se submeteu àqueles costumes. Mesmo comerciante, ligou-se a partido político, elegeu-se vereador, foi integrante de mesa diretiva da câmara e dirigente partidário. No início dos anos trinta, já se dedicava à exploração pecuária em área arrendada. Em seguida, adquiriu propriedade rural, de tamanho médio para os padrões da época, abandonou a atividade comercial e viveu da agricultura e pecuária até seus últimos dias.

Em Afif Filho, certamente seu pai, além da natural, exerceu influência cultural importante, mesmo porque oriundo de civilização antiga e diferente.

Um pequeno e bem humorado texto de Afif Filho aponta sutilmente nesse sentido. Nosso poeta, então menino, observou que seu pai possuía em torno de trezentas vacas, mas apenas três touros. Entendia que o normal seria cada vaca dispor de seu próprio touro, e por isso questionou-o nesse sentido.

Fosse ele um pecuarista de origem exclusivamente luso-brasileira, como os da vizinhança, e responderia com base em preceito zootécnico, informando sobre a suficiência de 3 a 4% de reprodutores no rebanho. Já a resposta do velho Afif Jorge partiu de outro enfoque. Disse ele: ***“meu filho, um touro pode ter relações com muitas vacas e não ter compromisso com nenhuma delas.”***

Era a explicação de alguém originário de outra civilização na qual a poligamia era instituição consolidada.

Entendemos também que a personalidade de Afif Filho decorria muito acentuadamente de sua mãe.

Casou ela aos quinze anos de idade. Rapidamente aprendeu a falar árabe, o que fazia com desenvoltura. Tornou-se tradutora e instrutora de diversos árabes que passaram a aparecer na localidade com maior assiduidade.

Conhecida genealogia em torno do avô materno de Afif Filho

reforça essa convicção. Vemos nela significativa frequência de talentos muito especiais. Observam-se talentosos artesãos, interessantes músicos, pessoas com facilidades para aprendizado de línguas, com abertura para novos conhecimentos e alguns profissionais de nível superior com produções técnicas e científicas de significativo valor.

Também encontramos nesse rol algumas pessoas com acentuadas versatilidades intelectuais. Nesse sentido, nos ocorre um exemplo muito ilustrativo de um parente de Afif Filho.

Quando jovem foi escultor, desenhista, músico, projetista de obras civis, eletricitista, mecânico de automóveis, embora não exercendo profissionalmente algumas dessas atividades. Em fase da meia idade, dedicou-se à produção artesanal de eletrodomésticos e aparelhos de produção industrial. Já passando de meia idade, cursou engenharia e tornou-se professor na área. Aposentado, tornou-se veterinário e depois desenvolveu projetos na área da indústria química. A seguir, passou a se interessar por teologia, tendo inclusive manifestado intenção de seguir carreira religiosa.

Afif e suas inquietações intelectuais têm a ver com essas origens. Foi, porém, menos dispersivo, e com interesse cultural mais direcionado para literatura e música, a par de preocupações com aspectos profissionais. Além disso, era filho de duas civilizações. Conviveu com essa diversidade que o ensinou a ver a vida de diferentes ângulos. Isso tem a ver com o orador de abordagens muito originais, com quem ligava a infância a perspectivas mais diversas ou, como disse Luft, via beleza em coisas aparentemente simples.

Essa invocação ao caráter inato do poeta, porém, é apenas repetir o que diz a sabedoria milenar quando afirma que o poeta nasce poeta. Já, as origens do “eterno menino” ou “menino submerso”, como ele se dizia, têm muito a ver com experiências de vida.

Há uma poesia de Afif que talvez seja a mais apreciada expressão de suas reminiscências da infância.

Nela, ele volta ao tempo em que morava com os pais no campo, propriedade da qual herdou parte. A morada era junto a um rio e um galho de mata nativa. Lembra a casa, então bem conservada, os velhos pais e ele menino, os extintos vizinhos e viandantes. Recorda o gado pastando e o campo baixo, sem inços arbustivos, que são por vezes frutos do abandono. Lembra o eterno murmúrio do rio em leito declivoso.

Sob o título ***Soneto ante a tapera de meus pais***, disse:

***“Não estou vendo o agora e seus flagrantês,
A madeira podrida e ervas da ausência,
Mas o eterno menino e os pais distantes,
No antigo afeto e antiga residência.***

***Pelas trilhas sabidas da querência
Vão chegando os extintos figurantes.
E a triste alvenaria em decadência
Se anima e está tão viva como dantes.***

***São diversos os bois, mas o mugido
É o mesmo. O mesmo arroio entre amarelos,
No seu longo soluço enternecido.***

***O arvoredo alto... Ah! Deixem-me chorar...
Que todas as moradas são exílios,
E aqui, onde não moro, é que é meu lar.”***

Mas se antes lembramos o determinismo genético na origem do poeta, não apontamos causas específicas para a importância do menino, o que só podemos fazer em tentativa de ensaio.

Entendemos que o poeta cria seu mundo especial, mas, como homem e suas circunstâncias, não pode evitar a incidência de fatores externos sobre o mundo idealizado. O poeta, porém, desenvolve mecanismos especiais para se proteger ou para se inspirar. Cria nichos ou sítios de acesso controlado.

O “menino submerso”, ou “eterno menino” é um desses sítios onde não prosperam as misérias humanas. Seria como um reduto onde o poeta revigorava sua alma, donde o “menino submerso” emergia em suave melancolia romântico-simbolista.

Certa vez, um conhecido crítico porto alegreense referiu-se a ele como alguém que não foi ingênuo, nem santo, como poderia parecer em sua obra.

Desvendou apenas parte do mistério.

É verdade que Afif deve ter tido seus defeitos e, que se saiba, nunca requereu canonização.

Parece, porém, não ter havido o entendimento de que o ingênuo e santo é somente o menino que Afif preservou em sua obra.

Agradecimentos.